



Chegar aos outros através do barro negro

Em 2018, o designer francês Noé Duchaufour-Lawrence deixou a França e instalou-se em Portugal, percorrendo o país à procura de técnicas artesanais de trabalho. Encontrou coisas únicas como o barro negro e a soenega. Mas descobriu sobretudo pessoas. E isso exigiu dele mais do que pensar. A galeria Made in Situ acaba de abrir.

Alexandra Prado Coelho

Noé Duchaufour-Lawrence não magrou o tempo que está preciso para se aproximar de Xana e Carlos. Quando encontrou pela primeira vez os dois artesãos em Madalena, Tondela, e conheceu o trabalho que fazem com o barro negro — e, sobretudo, a técnica da soenega, a cobertura do barro de uma forma — não teve dúvidas de que era ali que queria ficar. Mas não primeiro momento era o espírito do projeto de que via a ser uma longa viagem.

Desde o início, uma coisa que fascinou Noé foi a soenega, a técnica antiga de cozer peças de barro num buraco no chão, numa terra especial para o efeito. Em maio, em conjunto, as famílias costumam fazer um evento anual para toda a comunidade de Tondela, mas este ano, por causa da pandemia de covid-19, não pôde ser realizada dessa forma, o fogo, os sons das pedras a cair na terra — tudo isso é evocado na exposição, num trabalho da artista francesa Clemence Farrell, que irá acompanhar todos os projetos Made in Situ.

Francês antigo à procura de um atelier poderia ter sentido vontade de abandonar Portugal. Quanto pôde em prática o seu projeto Made in Situ, uma forma de trabalhar com materiais locais numa ligação profunda com um sítio e, sobretudo, com as pessoas que trabalham intimamente esse sítio. Os projetos são feitos numa parceria com os artesãos locais, mas a ideia de toda a história portuguesa e as possibilidades. Foram muitas visitas, algumas fotografias, outras super-intervistas.

As visitas antigas, há milhares de anos, foram feitas de Lisboa. Numa paisagem pela cidade, nasce o conceito de Soenega em Portugal. Quanto pôde em prática o seu projeto Made in Situ, uma forma de trabalhar com materiais locais numa ligação profunda com um sítio e, sobretudo, com as pessoas que trabalham intimamente esse sítio. Os projetos são feitos numa parceria com os artesãos locais, mas a ideia de toda a história portuguesa e as possibilidades. Foram muitas visitas, algumas fotografias, outras super-intervistas.

Desde o início, uma coisa que fascinou Noé foi a soenega, a técnica antiga de cozer peças de barro num buraco no chão, numa terra especial para o efeito. Em maio, em conjunto, as famílias costumam fazer um evento anual para toda a comunidade de Tondela, mas este ano, por causa da pandemia de covid-19, não pôde ser realizada dessa forma, o fogo, os sons das pedras a cair na terra — tudo isso é evocado na exposição, num trabalho da artista francesa Clemence Farrell, que irá acompanhar todos os projetos Made in Situ.

Desde o início, uma coisa que fascinou Noé foi a soenega, a técnica antiga de cozer peças de barro num buraco no chão, numa terra especial para o efeito. Em maio, em conjunto, as famílias costumam fazer um evento anual para toda a comunidade de Tondela, mas este ano, por causa da pandemia de covid-19, não pôde ser realizada dessa forma, o fogo, os sons das pedras a cair na terra — tudo isso é evocado na exposição, num trabalho da artista francesa Clemence Farrell, que irá acompanhar todos os projetos Made in Situ.



↳ Mas que realmente fez Noé parar lá o encontrou com Xana Monteiro e Carlos Lima, que há mais de três décadas trabalham a cerâmica negra. "Ficamos ali, literalmente. Disseram 'vamos trabalhar aqui, vamos trabalhar aqui', explica. "Não tínhamos missão neste projeto. Só quero encontrar as pessoas certas e explorar, partilhar coisas, aprender com elas, e talvez elas possam aprender comigo". Há 15m movimento. "Não se trata tanto de aprender", corrige, "mas sim de nos abirmos algo diferente". Será ao lembrar-se das dificuldades desde o início. "Todas as vezes que conhecemos um artesão com o qual queremos trabalhar, a primeira coisa que me faz é colocar uma fronteira que temos que ultrapassar". Aviamos até Tondela era longa, três horas e meia para lá, o mesmo para voltar já de noite. Tive de fazer muitas vezes. "Mas valeu a pena, porque cada passo era um passo em frente."

O projeto de Noé, Made in Situ, é uma forma de trabalhar com materiais locais numa ligação profunda com um sítio e, sobretudo, com as pessoas que conhecem intimamente esse sítio.



quando, via vontade, estavam apenas a demorar o tempo de que necessitavam para compreender a situação e o meu contexto. E eu tinha que compreender o contexto deles." Na exposição de inauguração da galeria de projeto Made in Situ há um vídeo que mostra esse encontro que a Francis teve que fazer até aos dois artesãos portugueses. "Da del um passo na direção deles, eles deram um passo na minha, entendemos — com diferentes ritmos — a tentar encontrar uma ligação. Até que, ao fim de dois anos, conseguimos entrar no mesmo ritmo." O culminar deste encontro foi a noite mágica da soenega, que podemos ver no vídeo. Lua cheia, um grupo de pessoas reunido (geralmente, a soenega é um evento anual para toda a comunidade de Tondela, mas este ano, por causa da pandemia de covid-19, não pôde ser realizada dessa forma, o fogo, os sons das pedras a cair na terra — tudo isso é evocado na exposição, num trabalho da artista francesa Clemence Farrell, que irá acompanhar todos os projetos Made in Situ.

As peças (que também estarão à venda) foram colocadas dentro de um círculo com terra da soenega. Há quatro conjuntos de 12 vasos. Secos, um trabalho de Xana e Carlos que é

"Nunca procuro pessoas que já estejam habituadas a trabalhar com designers", explica. "Esse caminho não me interessa tanto." O que o encanta em Portugal é ainda ser possível, seja num pequeno pátio escondido no meio das ruas de Lisboa, encontrar artesãos que preservam técnicas muito antigas

uma metáfora do encontro de "personagens únicos dando as mãos", como o grupo que se reuniu para o cerimonial.

Justo a eles está a instalação de Tondela, com 35 vasos "sem adorno, que obtêm as suas identidades através da soenega" e que "carregam o rastro da cozedura nas suas sombras e texturas", mostrando a sua história até nas feridas que resultaram do processo. Tocos, encostados uns aos outros como se houvesse uma força entre deles nascida dessa proximidade, vistos de cima sob bocas, todas diferentes, abertas de espanto ao mundo.

Ainda dentro do círculo, sobre a terra, alguns dos 100 difusores de perfume que "nasceram de sensações materiais e atmosféricas" — são esferas negras, carregando o mistério de terem atravessado essa experiência transformadora da cozedura pelo fogo, e transportando o cheiro criado para este projeto pela perfumista Daphné Bayet, também ela francesa a viver em Portugal.

Por fim, o círculo alberga uma série de candeeiros desenhados por Noé e inspirados pelas rochas de granito das montanhas da Serra do Garamelo. A paisagem do Garamelo — evocando a paisagem da Bretanha da infância do designer — revela-se aqui neste segredo guardado por duas pedras negras que se apoiam uma na outra, a luz a tromper pelas frechas abertas, provando que a sua imaterialidade fluida é mais forte que a sólida materialidade das rochas.

"As peças desenhadas são frutos das minhas aventuras, da exploração de texturas, padrões e materiais, geológicos e biológicos, e das técnicas relacionadas", afirma Noé num texto que acompanha a exposição. "Acima de tudo, o meu entusiasmo vem do conhecimento e sensibilidade humanos que nos conectam e estão inscritos em cada lugar específico."

Ao longo dos dois anos em que desenvolveu o trabalho com Xana e Carlos, Noé foi explorando técnicas diferentes e tem já outras exposições em preparação — a do barro negro ficará até 23 de Dezembro e a partir de fevereiro de 2021 surgirá uma em torno do bronze e da cera. Estão também previstos alguns jantares que, através do trabalho com chefs, explorará ainda mais profundamente a relação entre materiais, produtos e o sítio de onde vêm.

Se o barro permitiu construir um projeto em torno da ideia de comunidade, o bronze servirá para pensar o tempo. O resultado será uma série de candeeiros nos quais a cera de abelha se vai derretendo, integrando-se e transformando a própria peça, num diálogo vivo entre os dois materiais.

Encontrar a cera não foi fácil. "Vimos visitar um produtor de velas perto de Fátima, mas que utilizam um tipo parafina ou cera de abelha misturada com parafina. E quando lhe perguntamos a origem da cera, disse-me que vem do Senegal porque é difícil encontrá-la em Portugal", conta o designer. Noé não desistiu e acabou por encontrar um apicultor disposto a vender-lhe a cera, que está agora a usar no projeto.

"Nunca procuro pessoas que já estejam habituadas a trabalhar com designers", explica. "Esse caminho não me interessa tanto." O que o encanta em Portugal é ainda ser possível, seja num pequeno pátio escondido no meio das ruas de Lisboa, encontrar artesãos que preservam técnicas muito antigas. Nessa busca tem contado com a ajuda preciosa de Fátima Durfee da Passa ao Futuro, que trabalha precisamente na preservação e na promoção do trabalho dos artesãos em Portugal.

"Espero que o meu projeto possa também ajudar a dar visibilidade a estas coisas", diz Noé, que, depois da formação em cultura e design de equipamento, ao longo da sua carreira trabalhou com marcas como a Hermès e fez o design de interiores para lojas da Montblanc, lounges da Air France ou restaurantes como o Clef de Paris ou Sketch de Londres.

"Há um cansaço com a globalização, a produção industrial, o consumo. Temos que encontrar outros caminhos". Percebeu isso desde pequeno, na região da Bretanha onde nasceu em 1974 e viveu antes de a família se mudar para a Bretanha. "Era uma zona perdida, sem nada ao redor, uma das zonas de França mais pobres e com menor densidade populacional. O meu pai era professor, mas deixou tudo para ser escritor. Nessa região havia muitos artesãos, cujo trabalho nem sempre era reconhecido."

Hoje, em países como França ou Espanha, já existem muitos projetos, inclusive públicos, de apoio aos artesãos. "Aqui em Portugal ainda há muita humilde e um maior pudor em revelar, em mostrar, porque muitas vezes ninguém lhes disse que o lugar está a fazer é extraordinário."

O que tem encontrado são sempre histórias completamente diferentes. "Era precisamente isso que eu queria, sair de um sistema." Quando se aproxima de um artesão, vai completamente livre. "Tenho apenas o meu background, a minha memória e os meus sentimentos." O trabalho começa a nascer a partir daí, demorando o tempo que tem que demorar, percorrendo o seu caminho, como aconteceu com Xana e Carlos.

Antes de tudo, antes dos materiais e das paisagens, Made in Situ é sobre pessoas. "Tivemos experiências diferentes em ambientes diferentes e descobrimos que há apenas uma coisa que é interessante — as relações humanas. É isso que estou a trabalhar."

A noite da soenega foi isso mesmo. Enquanto debaixo da terra o barro se entregava ao fogo, tornando-se negro, transformando-se nessa relação com outros elementos, cá em cima, sob a lua cheia, um grupo de pessoas sentiam-se ligadas, pela força daquele momento único. "A todos percebemos porque estamos a fazer isto."